

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Gustavo Cova Golzman**

**O paradoxo da participação de escravos na Revolução  
Americana (1775-1783) e os efeitos da escravidão na  
sociedade americana do final do século XVIII**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como  
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Elisa Noronha Sá

Rio de Janeiro

Julho de 2016

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a diversas pessoas cuja ajuda e motivação me permitiram terminar essa pesquisa. Primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora Maria Elisa Noronha Sá que sempre esteve disposta a me ajudar desde as aulas de tutoria V com o projeto e o tema e até com a monografia em si, sempre pronta para tirar minhas dúvidas em relação ao trabalho e ao tema, também gostaria de agradecer a minha família que sempre me incentivou a pesquisar e sempre me motivando a terminar essa pesquisa mesmo nas situações e momentos mais difíceis.

**Resumo:**

Esse trabalho de monografia tem como objetivo a análise do período revolucionário americano e de sua influência na sociedade americana durante o final do século XVIII a questão da escravidão americana. Como ela fora influenciado pelos acontecimentos desse período e o desenvolvimento da questão de seu paradoxo com os ideais de liberdade da revolução americano através do diálogo com diversos autores e historiadores da independência americana.

**Palavras-Chave:**

Revolução Americana-Escravidão-Paradoxo

**Abstract:**

This thesis work aims to analyze the American revolutionary period and its influence in American society during the late eighteenth century the question of American slavery. How it had been influenced by the events of this period and the development of the issue of its paradox with the ideals of freedom of the American Revolution through dialogue with various authors and historians of American independence.

**Key-Words:**

American Revolution-Slavery-Paradox

## Sumário

Introdução.....	Pág 5
A Revolução e seus escravos.....	Pág 8
1.a-As origens.....	Pág 8
1.b-A Revolução.....	Pág 10
1.c-Os escravos.....	Pág 13
1.d- O paradoxo da escravidão.....	Pág 16
A escravidão e o pós-guerra.....	Pág 19
2.a-A formação do governo Americano após a Revolução.....	Pág 19
2.b-A sociedade civil americana durante a década de 1780.....	Pág 22
2.c-A trajetória da escravidão americana no final do século XVIII.....	Pág 25
Conclusão.....	Pág 30

## **Introdução:**

O Século XVIII, entre 1776 e 1783, foi um período de grandes conflitos e mudanças que aconteceram e afetaram profundamente a estrutura governamental e social nas treze colônias inglesas nas Américas. Depois da Guerra dos Sete Anos travada em diversas áreas das colônias que acabaram por afetar e prejudicar a vida de dezenas de milhares dos colonos que nela viviam e ainda mais da insistência do governo Britânico em buscar compensação financeira pelo conflito através de impostos pesados por anos que acabaram por prejudicar o trabalho e o comércio da população, os colonos se rebelaram e iniciaram seu processo de independência através do conflito que ficaria conhecido na historiografia mundial como a “Revolução Americana”.

No entanto, essa é só uma pequena parcela do que de fato fora a Revolução Americana para os olhos dos outros países. Nos próprios Estados Unidos, por exemplo a magnitude fora muito maior do que se possa imaginar. Pois afetou e abalou os diversos níveis da sociedade e do governo colonial forçando colonos que em grande parte só queriam ser representados por sua própria população e não de maneira virtual no parlamento de sua metrópole como era o costume com as colônias do Império britânico e que não queriam a interferência do parlamento inglês em suas vidas sem serem consultados a tomarem ação própria e serem forçados a lutar por sua liberdade.

Um dos aspectos presentes tanto na Revolução quanto na sociedade americana, que será o foco principal deste trabalho, recai na escravidão, especialmente em como fora a participação dos mesmos no próprio conflito, sendo analisado assim através de vários autores e especialistas sobre o tema e também com o uso da própria historiografia do período sobre a sua atuação na guerra de independência americana e como a sociedade americana fora afetada por esses fatores.

Também será um dos objetivos desse trabalho a análise dos impactos da participação escrava neste conflito, os “paradoxos” que sua participação trouxe no

discurso revolucionário, os seus reflexos no período pós-guerra e na reconstrução onde vários problemas surgiram das promessas de liberdade que eles recebiam dos

6

colonos para lutar num conflito que não era seu. Também serão analisadas a reação e os impactos causados por esses fatos na sociedade civil americana no período pós-guerra.

Portanto, este trabalho acadêmico trará descrições e análises de material historiográfico e das diversas bibliografias pesquisadas referentes ao período revolucionário americano, com um foco maior na presença dos escravos e em sua atuação nesse período, até o final do período de reconstrução e restauração da sociedade americana no final do Século XVIII. Para que as conclusões obtidas com a pesquisa possam ser corretamente expostas e por fim alcançadas no final deste trabalho.

A pesquisa em si será dividida em um total de 4 partes distintas, a introdução tem como objetivo expor sem entrar em muitos detalhes o tema da monografia e de diversos tópicos que serão apresentados no decorrer dela. Os dois capítulos de desenvolvimento seguintes serão as partes principais deste trabalho onde será apresentado e analisado o conteúdo da pesquisa referente ao tema desta monografia que é a participação dos escravos na guerra de independência norte-americana e seus impactos na sociedade no pós-guerra.

Sendo o primeiro capítulo do desenvolvimento focado inteiramente na revolução americana e nas questões envolvendo os negros no conflito, usaremos diversas bibliografias para analisarmos esse importante momento na história norte-americana e com isso aprofundando mais ainda na questão dos escravos que é um tema muito estudado na historiografia sobre a revolução americana. Diversos autores como Ira Berlin e Gordon S. Wood cujas bibliografias se relacionam com o tema da monografia serão analisados neste específico capítulo.

O segundo capítulo do desenvolvimento, podendo ser considerado o de maior importância deste trabalho, será focado na sociedade americana no pós-guerra e nos impactos que a participação dos escravos na Revolução Americana causou e

com um foco na reação dos Estados e da população sobre esse tema. E assim como será no capítulo anterior, neste capítulo serão analisados e discutidos diversos autores cujas obras se relacionam ao tema analisado neste capítulo como Eugene D. Genovese, Eric Foner e Robin Blackburn.

7

Por fim na conclusão serão feitas as considerações finais ao trabalho após o desenvolvimento das questões e temas apresentados nos dois capítulos anteriores sinalizando assim o fim do trabalho. Alguns dos temas e questões discutidos na monografia também serão revistos e analisados sobre novos aspectos e abordagens apresentados nas mesmas a fim de mostrar como a análise das questões se desenvolveu e evoluiu no decorrer deste trabalho.

## Capítulo 1:

- **A Revolução e seus escravos**
  - a) **As origens**

Para entendermos melhor o impacto que a participação dos escravos na guerra causou à sociedade americana e por si só à própria Revolução americana temos que nos focar primeiro em suas raízes revolucionárias e para isso temos que analisar brevemente outro conflito que anos antes já preparava o terreno para a guerra de independência americana, a Guerra dos sete anos.

Considerado por muitos historiadores como o primeiro conflito de escala verdadeiramente global, envolvendo a França e a Inglaterra nas Américas e a Áustria e Prússia na Europa, aliados da França e da Inglaterra respectivamente. Causado pelas tensões crescentes entre as divisas territoriais das colônias britânicas e francesas nas Américas e na Europa com a escalada das hostilidades entre a Prússia que era aliado à Inglaterra e a Áustria que viria a se aliar com seus antigos inimigos os franceses depois das primeiras invasões da Prússia ao seu território.

A guerra durou justamente sete anos (1756-1763) terminando com a assinatura de dois tratados diferentes, o tratado de Paris assinado pela Inglaterra, França e seus aliados nas Américas e o tratado de Hubertuaburg assinado pela Prússia e pela Áustria. Ao termino do conflito a Inglaterra sairá beneficiada com a vitória ganhando mais territórios nas Américas e a França sairá do conflito desmoralizada e ressentida com os ingleses pela derrota. Enquanto que os colonos ficaram prejudicados não somente pela perda de vidas, mas por ter que reparar os prejuízos causados pela guerra em seu território causando assim um considerável aumento do ressentimento em relação a sua metrópole inglesa.

Como fora brevemente exemplificado nos parágrafos anteriores, não é possível de se relatar não somente o foco dessa monografia que é a participação de escravos na Revolução americana e seus paradoxos e impactos, mas para se entender a Revolução por completo é preciso observar atentamente seus antecedentes que

9

abriram o caminho necessário para a Revolução americana acontecer e de ter o desfecho que conhecemos.

Pois com o fim da Guerra dos sete anos a Inglaterra saiu vencedora de fato, porém devido aos conflitos na Europa nesse período envolvendo seus aliados, A Inglaterra viu o seu antigo sistema de alianças com outras nações europeias acabar causando prejuízos a ela durante os anos seguintes com a Guerra de Independência americana. A França que perdeu e que saiu prejudicada do conflito nutriu um revanchismo com a Inglaterra deixando-a disposta a ajudar os colonos durante a sua independência, e por fim os próprios colonos ganharam experiência com a Guerra dos sete anos e além de como já fora mencionado anteriormente, houvera desentendimentos em relação às despesas e à nova divisão de terras impostas pela metrópole a seus colonos.

Para saciar essas dívidas de guerra o parlamento inglês introduziu ao longo dos anos diversos impostos planejados para as colônias com o objetivo de ressarcir-los pelos danos da guerra, sendo a lei do Açúcar o primeiro dentre esses novos impostos introduzida em 5 de abril de 1764. Ela estabeleceu diversos novos impostos sobre o açúcar que acabaram por danificar o comércio dos mesmos nas treze colônias, o que pioraria com a introdução de mais tarifas nos anos seguintes.

Dentre essas novas tarifas e impostos aplicados nas colônias pelo parlamento inglês podemos encontrar a lei do Selo que taxava todos os documentos, livros e jornais em circulação nas colônias, além de forçar-los a utilizar selos oficiais vindo da metrópole. Essa lei e a mais conhecida pois foi nela que o movimento de reação dos colonos fora mais forte, onde diversos congressos coloniais a julgaram

como “inconstitucional” o que acabou eventualmente forçando a metrópole inglesa a revoga-lo.

No entanto convencida de que a colônia deveria continuar a pagar impostos o parlamento inglês criou outras lei e impostos nos anos seguintes como a lei do Aquartelamento que obrigava os colonos a suprir e a abrigar as tropas inglesas estacionadas em seu território além das tarifas Townshend que obrigava aos comerciantes coloniais a fazer comercio exclusivamente com a Inglaterra acabaram

10

por criar um sentimento cada vez mais profundo de revolta e resistência contra a metrópole. Nas palavras do historiador Gordon S. Wood:

*“Na atmosfera reinante no final da década de 1760, as medidas adotadas pelo governo não eram apenas irritantes, eram também explosivas. Depois da crise da Lei do Selo, os americanos reagiram mal a qualquer tipo de taxação imposta pela Inglaterra. A aprovação das tarifas Townshend fez ressurgir e recrudescer o antigo padrão de resistência. Panfletistas e articulistas de jornal saíram novamente em defesa das liberdades americanas.”<sup>1</sup>*

Tudo isso culminou no imposto que acabou de vez com qualquer chance de melhora nessa crise instaurada entre a metrópole e seus colonos, a Lei do Chá. Aplicada em 1773 ela taxou o lucrativo comercio de chá nas colônias e acabou com qualquer participação dos comerciantes colônias no comercio de chá ao dar o monopólio do comercio exclusivamente a Companhia das Índias Orientas que acabou causando um dano tão grande no comercio colonial que acabou por criar um dos eventos mais importantes na Historia Americana, a Festa do Chá de Boston (Boston Tea Party). Nela diversos colonos se disfarçaram de índios e atacaram os navios da Companhia das Índias Orientas atracados no porto de Boston onde eles jogaram seus carregamentos de chá no mar, causando assim uma irreversível ruptura que acabara por ajudar na criação da Guerra de Independência Americana.

Com esses fatores em mente nós podemos agora analisarmos a Revolução americana, seus eventos mais importantes e o papel dos escravos nela que

---

<sup>1</sup> Wood, Gordon S., A revolução americana/Gordon S. Wood; tradução Michel Teixeira.-1. Ed.- Rio de Janeiro: Objetiva, p.55-56,2013.

acabariam por causar diversas mudanças e transformações tanto na sociedade quanto na cultura americana nos anos que se seguiriam.

## **b) A Revolução**

A Revolução americana fora não somente um ponto marcante na história dos Estados Unidos, considerada por muitos historiadores também como um dos momentos mais importantes da história global influenciando diversos outros movimentos pelo globo como por exemplo alguns dos ideais da Revolução Francesa ou a Conjuração Mineira aqui no Brasil. Um símbolo do republicanismo e dos ideais iluministas de liberdade e igualdade, a guerra de independência americana marcou as diversas gerações de americanos que a seguiram.

11

Sua importância para a população como também para a sociedade americana como um todo foi tanta que mesmo quase cem anos depois sua memória e importância ainda eram invocadas por governantes em momentos de crise como fora o caso do décimo sexto presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, durante o caos da guerra civil americana; citada aqui pelo historiador Gordon S. Wood:

*“Na busca por definir, em meio à Guerra Civil, a relevância dos Estados Unidos, Abraham Lincoln naturalmente voltou os olhos para a Revolução Americana. Ele sabia que a revolução não apenas criara os Estados Unidos do ponto de vista legal, mas também produzira os grandes valores e as altas inspirações do povo americano. Os mais nobres sonhos e ideais dos americanos -o compromisso com a liberdade, a constitucionalidade, o bem-estar das pessoas comuns e, sobretudo, a igualdade -são fruto dessa era revolucionária. A demais, Lincoln percebeu que a revolução convencera os americanos de sua natureza especial, um povo cujo destino era liderar o mundo na busca por liberdade. Em resumo, a revolução fez nascer entre os americanos o sentido de nacionalidade e de propósito nacional que os caracterizava.”<sup>2</sup>*

Portanto já podemos perceber que a Revolução Americana também preparou as fundações para o futuro do país, transformando as treze colônias nos Estados Unidos que conhecemos atualmente. Um dos objetos de maior, se não o maior, importância que surgiu com a revolução fora a sua declaração de independência formulada e escrita e assinada por Thomas Jefferson, além de outras figuras importantes da história americana como George Washington, Benjamin Franklin e John Adams no dia 4 de julho de 1776 no segundo Congresso Continental da

---

<sup>2</sup> Wood, Gordon S., A revolução americana/Gordon S. Wood; tradução Michel Teixeira.-1. Ed.- Rio de Janeiro: Objetiva, p.19,2013.

Filadélfia iniciando assim o processo de independência americano e o verdadeiro início da Guerra de independência com a Inglaterra. A declaração refletiu a sociedade americana e os ideais que estavam vigentes naquele período, logo a declaração se observado com os pensamentos e ideias vistos nas sociedades atuais possui claros defeitos e problemas sérios em sua estrutura, sendo a relação com os escravos o foco desta monografia.

Essa “hipocrisia paradoxal” presente na Declaração de Independência dos Estados Unidos e na guerra de independência em si é observado por diversos historiadores e autores retratando a questão de como uma sociedade que buscava a liberdade e sua busca pela felicidade aceitava a escravidão, além de muitos de suas

12

figuras mais importantes possuírem escravos, ou como uma das frases mais importantes da declaração “todos os homens são criados iguais” sequer permite a existência do conceito de escravidão na sociedade que irá refletir essa declaração. De maneira resumida o autor e historiador Robin Blackburn demonstra essa questão:

*“Quando a Declaração de Independência insistiu que “todos os homens são criados iguais” e dotados de direito inalienável “à vida, à liberdade e à busca de felicidade”, deu um salto histórico para além da noção particularista dos “direitos dos ingleses”, havia implicações radicais na escolha das palavras “busca da felicidade” em vez de “propriedade”. A declaração pelo menos abria-se a uma interpretação generosa e universalista. Sua cadência secular inaugurou um momento democrático no ciclo da revolução burguesa. Mas, no contexto, tinha um significado político predominante, e mesmo exclusivo, e não pretendia desafiar nenhuma das instituições da sociedade civil. A declaração estava afirmando princípios para regular o governo, e não propondo um programa de emancipação social.*

...

*Alguns dos revolucionários mais esclarecidos se dispuseram a argumentar que a liberdade era direito congênito de toda a humanidade e que a escravização permanente era incompatível com os princípios de liberdade que deveriam fornecer as fundações adequadas da república. Mas para a grande maioria dos patriotas, “todos os homens” significava “todos nós”; não incluía índios, negros, mulheres nem crianças. Quando a declaração afirmou que os norte-americanos eram “um só povo”, isso só se referia à população branca. As belas palavras da declaração ecoavam a Carta de Direitos da Virgínia, que ninguém via como um desafio à escravidão. Os negros não eram completamente “homens” no sentido imaginado; para a maioria dos colonos brancos, eles não só eram desprovidos de competência civil (como as mulheres e crianças) ou indignos de confiança e perigos (como índios), como também essencialmente estrangeiros e primitivos, ou mesmo uma ameaça sexual à boa linhagem colonial. Seria*

*anacrônico atribuir o racismo moderno aos fundadores da pátria, mas, ainda assim, eles achavam totalmente aceitáveis colonos alemães ou holandeses; e como muitos negros tinham nascido na América e eram cristãos, não poderiam justificar sua escravização ou exclusão com base no paganismo africano. Os que não aprovavam a escravidão ainda podiam negar cidadania total ou igualitária aos homens negros. Até mesmo Paine argumentara, em comon sense, que a providencia destinara a América a ser um país de europeus”<sup>3</sup>*

Como observado na passagem do texto de Robin Blackburn, o problema da escravidão tem profundas raízes na visão que os americanos tinham para com a sua sociedade, portanto mesmo que uma parcela da população tenha lutado pelo seu fim logo na independência, o restante da população divididos em diversos meios da sociedade americana daquele período dificultaram o processo de liberdade aos negros naquele período.

13

Mesmo assim, não podemos descartar o impacto que os escravos tiveram na sua própria luta pela liberdade e seu impacto tanto na Revolução Americana, quanto na sociedade americana durante e após a Guerra que veremos tanto seguir quanto no próximo capítulo.

### **c) Os escravos**

É um erro comum na historiografia tratar os temas históricos, eventos e até mesmo seus personagens sem a noção de que os mesmos possuem suas próprias histórias e não somente a escrita nos livros de história, os escravos que viveram no período revolucionário também tinham suas próprias vidas, suas próprias lutas e esperanças. E são justamente esses temas que analisaremos mais a fundo nas próximas páginas, desde como os escravos usavam o tráfico de refugiados durante a guerra para escapar de suas Plantations até o alistamento voluntário nos exércitos rebelde e Inglês, além de suas milícias, em busca de sua liberdade.

Até este ponto na monografia nos vimos e observamos algumas características da escravidão nos Estados Unidos antes e durante a sua guerra de independência, no entanto, ainda existem diversas características tanto da escravidão quanto dos negros que estavam ligados a ela que acabaram por influenciar o destino da mesma nos Estados Unidos. Uma dessas características

---

<sup>3</sup> Blackburn, Robin, A queda do Escravismo Colonial/Robin Blackburn; tradução Maria Beatriz de Medina, Rio de Janeiro/São Paulo: Record, Pag. 127, 2002.

que certos historiadores identificam como um “*Game Changer*” sobre a escravidão americana é curiosamente a própria Revolução Americana.

Um desses historiadores que fazem essa observação é Ira Berlin, professor emérito da universidade de Maryland que identifica a revolução como um novo impulso na luta pela liberdade dos escravos contra seus proprietários ao afirmar que:

*“A época das Grandes Revoluções Democráticas –a americana, a francesa e a haitiana – marcou uma terceira transformação nas vidas dos negros no continente norte-americano, levando alguns escravos à liberdade e condenando outros a quase outro século de cativeiro. A Guerra de Independência Americana e outros conflitos revolucionários que ela desencadeou em todo o Atlântico deram aos escravos novo impulso em sua luta contra seus proprietários. Destruindo a unidade da classe dos proprietários e comprometendo sua capacidade para mobilizar o Estado metropolitano em defesa da escravidão, a era*

14

*revolucionária ofereceu aos escravos novas oportunidades para desafiar tanto a instituição da escravidão como as estruturas aliadas à supremacia branca.”<sup>4</sup>*

Em síntese com os outros tópicos apresentados nas páginas anteriores sobre a Declaração de independência americana, nós podemos traçar e definir os diversos fatores que contribuíram para esse aumento do poder das massas de escravos começando a partir da Guerra de Independência americana. Grande parte desses fatores são relacionados diretamente com a Declaração de Independência que ao declarar unanimemente o direito à liberdade e a igualdade entre os homens como já havíamos citado, acabaram enfraquecendo o poder que os proprietários tinham sobre a mentalidade de seus escravos, pois os poucos que tinham conhecimento da declaração, muitas vezes por conta de seus trabalhos escravos nos centros urbanos impostos por seus proprietários, acabaram por espalhar essas afirmações aos demais escravos sobre seus status não só como iguais perante os brancos com também tendo direito à liberdade que tanto almejavam, com isso, pode-se notar um aumento na desobediência e nas tentativas de fuga de escravos a partir desse momento e muito mais evidentes durante Guerra de Independência .

---

<sup>4</sup> Berlin, Ira, 1941-, *Gerações de cativeiro*/Ira Berlin; tradução de Julio Castañon. Rio de Janeiro: Record, pag.123, 2006.

Outro fator que também podemos citar e que está mais para a sociologia das sociedades tanto americana quanto europeia no século XVIII é o fato de que nessas populações o conceito da escravidão já estava sendo considerado algo não só não-civilizado como também algo ruim, portanto um perigo para as sociedades modernas. Sendo que nesse período grande parte dos Estados europeus já haviam abolido a escravidão em seus territórios, inclusive na própria Inglaterra, só se mantendo vivo nas Américas pelo comércio lucrativo, pelo poder dos proprietários de plantations ou pela religião que julgava os negros como pessoas inferiores e, portanto, passíveis de serem escravizadas.

Porém, no âmbito militar nós podemos perceber que só a participação dos escravos em alguns dos lados já causava um enorme desequilíbrio de forças. Diversos escravos livres, ou que eram forçados a se alistar no lugar de seus proprietários, haviam se alistado com a eclosão das ofensivas entre os britânicos e os colonos em 1775 e já estavam se distinguindo como soldados “honrados e

15

eficientes” causando um aumento significativo no número de oficiais brancos que almejavam liderar tais batalhões de negros, sendo que os mesmos os evitavam antes do começo das hostilidades.

No ano seguinte diversos líderes militares junto a George Washington proibiram a participação dos negros no exército, causando a revolta desses soldados negros, se aproveitando desse fato diversos governadores leais a coroa passaram a libertar os escravos de suas colônias para servirem no exército britânico com promessas de liberdade e com isso atraíam também os soldados negros que estavam desempregados graças a lei de Washington a lutarem no exército britânico. Tomando conhecimento disso e temendo que isso agravasse a situação de seus exércitos pois ele temia o poder britânico se tivessem todos os escravos e negros livres em seu exército, George Washington passou a gradativamente nos meses seguintes a aliviar sua própria lei contra o alistamento de escravos, primeiramente permitindo a alistamento daqueles que já haviam lutado antes com o exército e em menos de dois anos a lei contra o alistamento já estava praticamente revogada.

A Revolução Americana não é somente considerada como um dos fatores que aumentaram a força das populações escravas e seu desejo pela liberdade por ser simplesmente a “Revolução de Independência” ela por si só ofereceu diversas oportunidades de liberdade aos escravos como por exemplo a violência e o caos da guerra.

Essa “oportunidade” para a liberdade parece ser estranha para os leitores com pouco conhecimento sobre a Revolução Americana, no entanto a pura e simples guerra tirou milhares de negros da escravidão dando a eles liberdade. Diversos autores e historiadores citam como foram esses acontecimentos, mas condensando-os podemos chegar a fala de Ira Berlin sobre esse assunto:

*“Os escravos rapidamente se aproveitaram dessas divisões. Muitos conquistaram sua liberdade ajudando um beligerante ou outro. Os britânicos foram os primeiros a oferecer uma troca pela liberdade, e milhares de escravos se apresentaram como voluntários para o que foi chamado de “serviço ao rei”. O general Henry Clinton prometeu “plena segurança para seguir...qualquer ocupação que [eles] pensarem adequar dentro das*

16

*linhas britânicas”. Os patriotas não estavam muito atrás, embora sua promessa de liberdade nunca usufruísse da mesma sanção oficial”<sup>5</sup>*

Mesmo que a participação do lado de uma das duas forças durante a Guerra de Independência praticamente garantisse a liberdade, ela não vinha com garantias. Os escravos que tivessem se aliado a um dos lados, mas que acabassem capturados pelo outro acabavam muitas vezes sendo reescravizados mesmo que seus serviços fossem necessários para a frente de batalha, enquanto que os que ao final do conflito tivessem finalmente obtido a sua liberdade tinham poucas chances de sustento próprio devido ao medo de escravos armados que inundaram as diversas parcelas da população durante as batalhas travadas por eles e pela convicção que muitos patriotas tinham de que os negros não só não eram confiáveis como também precisariam de constante ajuda e supervisão para se virarem sozinhos. Essa linha de pensamento por parte dos colonos acabou por forçar muitos dos escravos libertos a voltar a trabalhar para seus antigos proprietários, muitas vezes sem mudanças em suas condições de trabalho.

---

<sup>5</sup> Berlin, Ira, 1941-, *Gerações de cativo/Ira Berlin*; tradução de Julio Castañon. Rio de Janeiro: Record, pag.152, 2006.

A busca pela liberdade levou milhares de escravos a se alistar em uma guerra que não os interessava, a fugir de seus proprietários indo em direção ao desconhecido, e a buscar o convívio com uma sociedade cuja maioria de seus membros os viam como sub-humanos inferiores. Mesmo com uma declaração de independência aprovada e aclamada por todas as parcelas da sociedade americana e que continha igualdade em frases de ordem que envolviam a igualdade, o direito universal e a busca de felicidade como peças chave para a Revolução sendo repetidas e admiradas por peças chaves da população colonial como Thomas Jefferson e George Washington.

O paradoxo da Revolução Americana é uma das peças chave para o aprofundamento da análise da sociedade civil americana. Muitos historiadores se aprofundam no tema por anos para buscar uma explicação para tal paradoxo que estava presente durante a Revolução Americana. Uma análise dessa temática nas poderia faltar nessa monografia.

#### **d) O Paradoxo da escravidão**

17

Durante algumas passagens nas páginas anteriores nós discutimos um pouco sobre a ideia do paradoxo da escravidão americana. Relembrando, ele é um questionamento de como possa existir escravos e a escravidão ainda estar engrenhada na sociedade americana, sendo que a mesma está através de sua própria Guerra de Independência buscando sua própria liberdade do Império britânico.

Essa emblemática questão não possui uma definição “correta”, isto é, não existe uma resposta em definitivo para esta questão. O que nós historiadores ou pessoas que tem interesse nesse assunto podemos fazer para chegar à resposta mais adequada é justamente checar as bibliografias, a historiografia e pôr fim a documentação da época. E mesmo assim o entendimento sobre esse complicado tema pode variar como fora o caso dos historiadores que vimos até agora com Robin Blackburn, Ira Berlin e Gordon S. Wood.

Para cada um desses profissionais em suas respectivas áreas da história americana o significado varia, os fatores históricos continuam os mesmos entre estes três autores. Tanto para Robin Blackburn quanto para Gordon S. Wood o

paradoxo da escravidão americana não se trata de algo além dos elementos históricos que a permitiram, mesmo que sua existência tenha sido considerada paradoxal e fora apontada por ambos autores.

Ira Berlin, no entanto, devido ao seu foco com a historiografia escrava dos Estados Unidos raciocina o paradoxo de uma maneira um pouco diferente. Ele destaca os diversos fatores e características da sociedade americana daquele período que fora influenciada pelo pensamento e ideias importadas de uma Europa cuja escravidão estava em decadência, repudiando a ideia de escravidão, mais o forte teor religioso da sociedade americana daquele período que era fortemente contra a igualdade de raças vendo os negros como inferiores e suscetíveis a escravidão para permitir a sobrevivência da escravidão durante quase um século após a Revolução americana.

Essa monografia se alinha com a visão historiográfica sobre a história da Revolução Americana presente em diversos autores com o já citado Ira Berlin, dentro outros, que visualizam de fato a existência de um paradoxo na Revolução Americana quando o tema se trata da escravidão. Não é somente pelo fato de que

18

esse alinhamento com essa visão historiográfica possa permitir não somente uma melhor análise e desenvolvimento sobre esses dois temas, a Revolução e a escravidão no período revolucionário, mas que para a minha visão após o estudo das bibliografias selecionadas é que houve de fato um paradoxo.

Mesmo que para diversos outros historiadores um paradoxo não possa ter existido pois essa dualidade já citada entre os ideais de igualdade e liberdade aclamados pelos colonos e citados na Declaração de Independência Americana era a norma na época e somente é destacada como um paradoxo se observado com os contextos sociais atuais. Ao observar e estudar um grande número de diversas bibliografias além da historiografia do período posso concluir que um paradoxo existiu na época e que também fora notado por figuras importantes da historiografia americana com Thomas Payne e Thomas Jefferson, esse último tentou englobar os escravos nas ideias universais da Declaração, e também por parcelas dos colonos que após a assinatura da Declaração de Independência

passaram a abertamente se opor a escravidão por ela ser contra os ideais defendidos na mesma.

A forma de raciocinar sobre o paradoxo varia de historiador para historiador, mesmo os que não foram mencionados aqui ainda possuem suas próprias ideias e maneiras de observar o paradoxo. Para alguns autores as respostas estão na própria historiografia, sabemos diversos fatores sobre a Revolução Americana, os escravos daquele período e o paradoxo que surgiu desses dois fatores da história americana. No entanto o desejo por buscar mais sobre um tema recai exclusivamente para o próprio historiador que ou busca a tal resposta definitiva sobre o tema de interesse ou busca aumentar seus próprios conhecimentos com seu estudo. Só porque algo possa nunca ser desvendado em sua integridade como no caso do paradoxo já apresentado, os historiadores não devem “jogar a toalha”, se esse fosse o caso a história como conhecemos seria bastante diferente.

## **Capítulo 2:**

- **A escravidão e o pós-guerra**
  - a) **A formação do governo Americano após a Revolução**

Para a jovem democracia americana a Revolução Americana e a sua Guerra de Independência contra a sua metrópole inglesa parecia ser o momento da verdade para a sobrevivência da nova nação. Em 19 de outubro de 1781 as forças americanas lideradas por George Washington e as tropas francesas lideradas por Jean-Baptiste Donatien de Vimeur, o conde de Rochambeau derrotaram de forma definitiva o exército britânico na batalha de Yorktown lideradas pelo general Charles Cornwallis, iniciando assim as negociações de paz entre as treze colônias americanas e a sua agora antiga metrópole inglesa.

Porém, para os colonos americanos que acreditavam que o pior já havia passado para a sua nova nação mal podiam esperar pelo restante da década de 1780 que de fato ameaçou dividir e até mesmo lançar as antigas colônias em uma nova guerra de independência. Diversos dos problemas que ameaçaram a jovem nação americana e que acabariam por transformar seu governo que estava severamente enfraquecido no começo da década na superpotência dos dias de hoje serão analisados nas páginas a seguir, enquanto que na segunda parte deste capítulo nós veremos as mudanças que aconteceram na sociedade americana durante esse período enquanto a questão dos escravos será vista na terceira parte deste capítulo.

A vitória sobre Yorktown que iniciou as negociações de paz entre as treze colônias e a Inglaterra deveria ter sido um momento de euforia para as dezenas de milhares de soldados rebeldes. Porém, na realidade não existia razão alguma para comemoração pois seus salários estavam atrasados, tão atrasados que os últimos anos da Guerra de Independência levou milhares de soldados das colônias a se rebelarem e fugirem de seus postos.

Mesmo com o começo das discussões de paz com o fim da Batalha de Yorktown em 1781 o exército britânico só viria a se render por completo em 1783, sendo que nesses dois anos houve diversos atritos entre o exército continental, suas milícias e o enfraquecido exército britânico e mesmo com a paz em 1783 a Inglaterra

20

continuava a incentivar a ruptura e revoltas das tribos indígenas do noroeste americano causando assim novas disputas e desentendimentos entre os antigos colonos e os índios que acabavam por enfraquecer o poder já frágil do congresso americano que governava os Estados Unidos no período do pós-guerra.

Se a ainda influência de uma ressentida Inglaterra ameaçava a paz nos Estados Unidos causando problemas para o congresso, o caos causado pela rivalidade entre a autonomia dos Estados norte-americanos e o congresso americano já não era uma ameaça e sim um problema constante que ameaçava causar uma ruptura e, por conseguinte uma guerra civil que seria maior do que a Guerra de Independência.

O problema entre os Estados americanos e o governo central representado pelo congresso surgiu justamente da Declaração de independência que deu uma enorme autonomia para as colônias que passariam a ser Estados com o fim das treze colônias e o surgimento dos Estados Unidos como nação. Logo, sempre havia problemas enormes quando os assuntos eram impostos, comercio externo ou leis redigidas pelo congresso que podiam ser facilmente rejeitadas, e muitas vezes eram, pelos Estados através de seus juízes.

Com essa autonomia para se autogovernar diversas vezes negavam leis ou impostos emitidos pelo congresso que visava o bem e a recuperação dos Estados Unidos como um todo após a destruição e as perdas causadas pela guerra. Logo, existiam dezenas de casos em que leis eram aplicadas em certos Estados, mas não em outros ou casos onde os próprios Estados realizavam o seu comercio externo sem a influência ou aprovação do congresso. Causando assim diversos problemas em um dos pilares que levaram os colonos a se rebelarem e que teve uma enorme influência na Revolução americana e em sua Declaração de Independência; o comércio.

Com o enorme caos ocorrendo nos diversos níveis do governo federal, além de na economia que assolava a população, somente uma remodelação do governo federal poderia fazer a jovem nação americana se salvar dessa crise é foi isso que algumas dezenas de delegados haviam concluído se reunindo em 1787 na Filadélfia. Juntos com os demais delegados dos outros Estados eles debateram, sempre havendo conflito entre os a favor do federalismo que definia a existência de uma

21

figura presidencial como chefe de estado e os que eram contra essa figura ou que prefeririam outra forma de retenção do poder. Esse debate durou meses, sendo que sempre os delegados federalistas ganhavam mais terreno e mais apoiadores entre os delegados até que em 17 de setembro de 1787 havendo o discurso federalista sendo aceito entre a maioria deles, com os anti-federalistas em grande minoria aceitando o discurso federalista com algumas exceções sobre autonomia dos estados, eles então assinariam a constituição americana.

A formulação da constituição americana fora o último momento marcante para a história Americana do Século XVIII, um Século que já havia levado enormes mudanças para os Estados Unidos. Diversos historiadores fazem relatos da grande importância que a constituição teve para a transformação permanente de uma nação que começara o século como uma das dezenas de colônias do grande império britânico, para uma potência em ascensão cuja liberdade recém conquistada a preparava para deixar sua marca a partir do começo do século seguinte. Dentre esses autores que relatam a importância da Constituição americana está o já mencionado Gordon S. Wood no trecho:

*“ A Revolução Americana, como todas revoluções, não foi capaz de realizar completamente as altas aspirações de seus líderes. Uma década depois da declaração de independência, muitos desses líderes passaram a duvidar do caminho que os Estados Unidos estavam trilhando. Eles não só perceberam que a Confederação era débil demais para cumprir suas funções, fossem domésticas ou no exterior, mas também passaram a questionar o imenso poder dado às assembleias estaduais populares em 1776. Em meados da década de 1780, a frustração com as mudanças gradativas nos Artigos da Confederação, aliada à crescente preocupação com os vários exemplos de tirania legislativa e outras condições político-sociais nos estados, criou uma necessidade premente de promover mudanças na constituição. O resultado foi a Constituição Federal de 1787.*

*Essa nova Constituição Nacional, que substituiu os Artigos da Confederação, não só limitou a autoridade dos estados, mas também criou uma concentração de poder inédita em nível federal. Muitos americanos não tiveram dúvidas de que a nova Constituição representava uma mudança tão radical quanto a própria Revolução. Por fim, aos olhos de alguns, a inauguração de um novo governo federal prometia a harmonia e a estabilidade que levariam os Estados Unidos a se tornarem uma grande e gloriosa nação. ”<sup>6</sup>*

Ao comparar a importância da Constituição americana de 1787 a Revolução Americana de 1776, Gordon S. Wood nos mostra o quão importantes esses eventos foram para a transformação dos Estados Unidos em uma potência global. Ao

22

derrubar os Artigos da Confederação, diretrizes usadas pelo congresso americano para governar criados ao final da guerra de independência, que já demonstravam um desgaste devido à falta de controle sobre os estados; ela derrubou as antigas dúvidas e questões que sobreviveram a revolução, possibilitando o desenvolvimento de um novo governo federal cuja força não tinha igual no

---

<sup>6</sup> Wood, Gordon S., A revolução americana/Gordon S. Wood; tradução Michel Teixeira.-1. Ed.- Rio de Janeiro: Objetiva, p.168,2013.

período, o que por sua vez possibilitou a volta do crescimento e do desenvolvimento americano.

Porém, a nova Constituição Federal ainda não fora capaz de resolver todas as questões sociais da nova nação americana. Sua demora em ser ratificada pelos Estados que estavam receosos em perder seus poderes já eram um sinal disso, ela sendo somente ratificada por completo no começo da década de 1790. No que a constituição não tinha jurisdição, o congresso se via obrigado a votar novas emendas à constituição que então aumentava a sua jurisdição sobre diversos problemas que viriam a assolar os Estados Unidos nos anos que se seguiram.

Um desses problemas, que será analisado mais profundamente nas próximas páginas, é a escravidão nos Estados Unidos, os escravos de nada ganharam de imediato com a homologação da constituição. Não só o texto base não continha menção à escravidão, mas a emenda que finalmente baniria a escravidão por completo só viria a ser instaurada quase um século depois em 1865 durante o fim da Guerra Civil nos Estados Unidos. Enquanto isso no período após a assinatura da constituição o único assunto que interessava aos escravos era a sua luta por manter a sua liberdade conquistada dos vários juízes estaduais que revogavam suas notas de emancipação sempre alegando algum problema ou fator diferente que inviabilizava o documento e praticamente colocava o negro de volta a escravidão pois assim nada impedia seu antigo proprietário de reescravizá-lo.

#### **b) A sociedade civil americana durante a década de 1780**

Existe uma relação simbiótica entre a população e seu governo e isso é verdade para todos os países e nações que existiram no período da Revolução Americana e que existem atualmente. Nas páginas anteriores nós lidamos com os problemas enfrentados pelo governo americano no período após a sua Guerra de independência e nas transformações impostas a ele com a criação da constituição de 1787, esses

mesmos problemas oriundos do que muitos historiadores definem como a crise da década de 1780 afetaram a população civil americana, mas ao mesmo tempo eles

tiveram que enfrentar problemas e crises diferentes das enfrentadas pelo governo federal.

Como fora explicado e analisado nas páginas anteriores, a crise enfrentada pelo governo federal e os estados americanos onde a autonomia dos mesmos enfraquecia o poder do congresso e portanto causava um caos tanto no patamar judiciário onde diversas assembleias estaduais e juízes estaduais revogavam leis impostas pelo congresso tanto por não aceitar a jurisdição do governo federal para os assuntos estaduais quanto por diversos outros fatores como alguma lei ao ver dessas forças estaduais os prejudicava, quanto no patamar econômico.

O caos na economia causado por esse embate entre estados e governo era o que causava incontáveis prejuízos para a sociedade civil. Diretamente nos podemos perceber que isso afetou severamente o comércio tanto dentro quanto fora dos estados e do país, diversos comerciantes que não foram capazes de se adaptar a essa crise foram obrigados a fechar as portas. Esse problema foi muito mais severo para os comerciantes dos estados sulistas que em sua possuíam grande parte do poder sobre o comércio e os produtos derivados das *plantations*, tiveram que se adaptar a esse caos na economia sendo que eles já estavam tentando se adaptar também a uma mão-de-obra mais consciente e que fugia e se revoltava mais do que antes da guerra de independência.

Outro problema sério que afetou de forma permanente a sociedade americana durante a década de 1780 foi a profunda mudança causada na estrutura social que estava vigente até a revolução. Ela elevou diversas parcelas da população consideradas como camponês ou rurais a níveis jamais vistos na hierarquia de seus estados antes da revolução o que claramente causou um incômodo na classe considerada mais aristocrática e intelectual da população como por exemplos os grandes proprietários de terras ou de escravos, analisados nesse trecho de Gordon S. Wood:

*“A revolução democratizou radicalmente as novas assembleias legislativas estaduais ao aumentar o número de legisladores e alterar suas características sociais. Agora, homens de origem humilde e rural, com menor escolaridade do que aqueles que tradicionalmente*

*ocupavam as assembleias coloniais, também haviam se tornado representantes do povo. Em 1765, por exemplo, a assembleia colônial de New Hampshire era formada por*

*apenas 34 membros, e quase todos eram prósperos cavaleiros oriundos da região costeira próxima a Portsmouth. Em 1786, a Câmara dos Representantes do estado havia alcançado 88 membros, a maioria fazendeiros comuns ou homens de posses modestas, e muitos vindos do oeste do estado. Em outros estados, a mudança foi mais discreta, mas não menos significativa. ”<sup>7</sup>*

Ele aponta também para um fator não antes explorado na estrutura social dos estados, exemplificada aqui pelo caso da assembleia de New Hampshire e a distinção geográfica de seus membros, ao ressaltar que os mais aristocráticos membros eram oriundos das áreas litorâneas Gordon mostra que estes senhores mantinham relações e grande poder comercial pois são as áreas litorâneas que são regiões de grande desenvolvimento econômico pois estão ligadas ao litoral e ao tráfego dos navios que trazem matérias e produtos para o comércio externo e por conseguinte estavam ligadas ao tráfico de escravos.

Enquanto que ao destacar que esses novos membros vêm de regiões mais a “Oeste” ele destaca que eles não possuem grandes ligações ao comércio litorâneo, em especial ao comércio externo, e ao estarem em regiões consideradas mais rurais e não tão desenvolvidas ele justifica mais uma vez sua origem mais humilde.

Um enorme fator que ajudou na elevação dessa parcela mais humilde da população a ter grande poder estatal e logo alterando a estrutura social foi a introdução do voto a população, mesmo não sendo tão universal quanto ele e atualmente pois ele excluía as mulheres, negros, índio, imigrantes, crianças, adolescentes e até mesmo as parcelas da população com a renda mais baixa; a introdução da possibilidade de votar pelos seis líderes mexeu de tal maneira com a sociedade americana da década de 1780 que diversos setores tanto dos governos estaduais quanto do próprio congresso lutavam abertamente contra ele até a instauração da constituição de 1787. Esses setores sendo a parcela da população mais rica e que tinham mais poder até a revolução.

Foram enormes as transformações que a sociedade americana passou na década de 1780 até a sua gradual estabilização no começo da década de 1790 com a

---

<sup>7</sup> Wood, Gordon S., A revolução americana/Gordon S. Wood; tradução Michel Teixeira.-1. Ed.-Rio de Janeiro: Objetiva, p.169-170,2013.

introdução em todos os estados da nova constituição. A população teve que enfrentar diversas mudanças em sua estrutura social e de poder nos anos que se seguiram após a guerra de independência, mudanças tão grandes que nem os patriotas poderiam pensar ao assinarem a Declaração de Independência anos antes.

No entanto os leitores mais atentos e críticos podem já ter notado que todas essas mudanças que caíram sobre a sociedade americana e que nós analisamos nas páginas anteriores não ocorreram de fato sobre “toda” a sociedade americana, não mencionamos os imigrantes, os índios e principalmente o foco dessa monografia, os escravos, que tomaram um rumo completamente diferente nas duas últimas décadas do século XVIII sendo assim imperativo e de extrema importância que os analisemos atentamente e em separado do restante da sociedade americana nas páginas seguintes.

### **c) A trajetória da escravidão americana no final do século XVIII**

A partir da segunda metade do Século XVIII ocorreram diversas mudanças na escravidão nos Estados Unidos, todas essas mudanças que a transformaram de um pilar da sociedade colonial das treze colônias em um incômodo para a recém-formada nação dos Estados Unidos da América se desenrolaram junto aos momentos mais importantes da história americana durante o Século XVIII. Consolidando assim a noção de que o tema da escravidão estava bastante entranhado na sociedade e na cultura norte americana, assim como em diversos outros países e colônias nas américas.

A vida de um escravo, assim como a escravidão em si, começou a se transformar de fato com a Declaração de independência e a revolução durante a década de 1770. Como observamos diversas vezes nas páginas e capítulos anteriores, o poder que as massas de escravos possuíam na colônia começou a se revelar com a Revolução Americana que marcou um aumento nunca antes visto nas décadas anteriores da fuga desses escravos de seus proprietários, sempre em busca da liberdade, e durante

a Guerra de Independência essa mesma massa se tornou almejada pelos dois lados do conflito.

A Guerra de Independência entre as treze colônias e a Inglaterra acabou se tornando a primeira grande chance de tanto os escravos quanto os escravos que haviam fugido de garantirem as suas liberdades, pois primeiramente os ingleses e depois os colonos garantiam a liberdade ao escravo que participasse do conflito, mas essa afirmação vinha com diversos “furos” como chance de prisão os de reintrodução a escravidão se o escravo fosse capturado pelo outro lado ou se seu exército perdesse a guerra. Mesmo com esses fatores ao final do conflito milhares de escravos haviam conseguido sua tão almejada liberdade, como exemplificado nas palavras de John Hope e Alfred A.:

*“Ao final da Guerra de Independência, a ideologia da luta, que foi definida e proclamada tão claramente, tinha sido toldada e encoberta pelas realidades sombrias e práticas da guerra. Não foi preciso muito tempo para se compreender que os objetivos dos líderes eram mais políticos do que sociais. E, no entanto, haviam sido colocadas em ação algumas forças que serviram para efetuar uma mudança no status dos negros. Não foi mera coincidência que, ao ser travada a Batalha de Lexington, a primeira sociedade antiescravista estivesse começando a formular a sua estratégia. Esta e outras organizações refletem as implicações sociais da filosofia revolucionária. A filosofia agia tão poderosamente sobre a mente das pessoas que quase todos os estados que alistaram escravos para servirem no Exército os libertaram logo no início ou prometeram alforria ao fim da prestação do serviço militar. Os registros dos vários estados, nos anos 1780, abundam em atos de alforria de soldados negros e suas famílias. Embora o número não possa ser determinado, não é difícil de concluir que centenas, senão milhares de escravos obtiveram a liberdade no final da guerra.”<sup>8</sup>*

Porém, logo com o termino da Guerra de Independência no começo da década de 1780 os escravos já começavam a ver sua liberdade obtida pelo seu papel na guerra em risco. Diversos proprietários no Norte e no Sul, porem em maiores quantidades oriundos do Sul onde não só a escravidão como a cultura do *plantation* era de grande importância para o comércio da região, começaram a ir a diversos tribunais de seus estados questionando a legitimidade das alforrias que seus escravos haviam recebido com a sua participação na guerra e com isso eles buscavam reaver os seus escravos ressarcindo dos prejuízos que suas alforrias

---

<sup>8</sup> Franklin, John Hope; Jr., Alfred A. Moss. Da escravidão a liberdade: A história do negro Americano. Rio de Janeiro, Editorial Nórdica Ltda., pag. 90, 1989.

havia-lhe custado. A grande autonomia dos estados americanos que havíamos discutido nas páginas anteriores entrara em efeito nesse caso com diversos tribunais dos estados refutando ou acatando as contestações dos proprietários, sendo que um juiz de um estado podia acatar por alguma razão e outro juiz em um outro estado podia refutar as alegações pela mesma razão, variando sempre no entendimento pessoal que o juiz tinha do tema, no entanto e apontado que havia um número maior de escravos que perderam sua liberdade e voltaram a escravidão do que os que conseguiram se manterem em liberdade.

A situação dos escravos estava indo de mal a pior na década de 1780 enquanto a questão da escravidão não fosse definida permanente pelo governo, o que não era possível em grande parte dessa década devido ao já mencionado estado de fraqueza que se encontrava o governo federal americano. No entanto os escravos não estavam sozinhos em sua luta pela liberdade, como já havia sido mencionado na página anterior pelos autores John Hope Franklin e Alfred A. Moss, JR., nesse período haviam surgido diversas sociedades antiescravistas nos estados americanos começando em 1775 com os *Quakers*<sup>9</sup> e se expandindo a partir de meados da década de 1780 com a inclusão de não somente outros grupos cristãos, mas também com grupos de civis que eram contra a escravidão.

A influência dessas sociedades antiescravistas na luta contra a escravidão foi capaz de ajudar tanto os escravos que fugiam de seus senhores e os que estavam com a liberdade ameaçada, muitas vezes os catequisando e os protegendo em suas igrejas ou comunidades ou até mesmo protegendo-os e mandando-os para outros países através de viagens missionárias que tinham por objetivo a catequização dos povos e tribos visitadas. Sua luta e sua capacidade para ajudar na luta contra a escravidão foi tamanha que em 1787 quando o congresso da Filadélfia que viria a traçar a primeira constituição americana esses grupos antiescravistas haviam conseguido convencer uma das mais importantes figuras da Revolução Americana, Benjamin Franklin, a abordar o tema no congresso, o que ele acabou não precisando

---

<sup>9</sup> Um pequeno grupo de cristãos dentro do protestantismo originariamente da Inglaterra, surgiram no século XVII e ao migrarem para as colônias americanas ficaram conhecidos pela forte oposição a escravidão.

fazer pois o tema fora abordado logo no começo. Porém, não com os efeitos desejados.

Dentro do congresso da Filadélfia era esperado que a situação da escravidão fosse permanente remediada do futuro da sociedade americana, diversos delegados tentaram em vão não somente acabar com a escravidão no território americano, mas também acabar com a maneira como eles eram usadas no sistema de representações estaduais adotados pelo congresso, sendo eles representados pelo equivalente a 3/5 de uma pessoa livre. Porém, a visão dos mesmos como propriedade prevaleceu graças aos delegados dos estados sulistas como e analisado por Robin Blackburn em seu livro:

*“Antes da Convenção Constitucional de 1787 era impossível chegar a qualquer outro acordo sobre alguma base para a representação além do sistema claramente desigual de reservar a mesma representação para todos os estados, sem considerar o seu tamanho. Nos debates sobre a população e a representação, os sulistas argumentaram que todos os escravos deviam ser levados em conta, embora, naturalmente, só os homens brancos, livres qualificados votassem nos representantes assim designados. Os sulistas estavam especialmente preocupados em estabelecer este princípio porque constituíam 41% da população livre da União e podiam prever que esta proporção encolheria. Os delegados nortistas achavam difícil concordar que a riqueza do Sul em escravos devesse receber de presente mais representantes, enquanto sua própria riqueza nada contava. Só o precedente da tributação, e sua consciência de que uma solução tinha de ser encontrada ou nenhuma União sobreviveria, acabou por convencê-los a aceitar que a regra dos três quintos também deveria ser aplicada à representação no Congresso.*

*A aceitação de que os escravos, enquanto riqueza, deveriam permitir aos eleitores sulistas maior representação inseriu o reconhecimento da escravidão no âmago da Constituição. Quando mais tarde Lafayette censurou Madison pelo fracasso da Convenção em sequer admitir a emancipação gradual, disseram-lhe: “qualquer referência na Convenção ao assunto que lhe é tão caro ao coração seria como uma fagulha num monte de pólvora.”<sup>10</sup>*

Ao fim do Congresso a constituição americana estava criada e o caos que estava os estados e o governo parecia que estavam com os dias contados e um novo futuro para os Estados Unidos estava próximo. No entanto o mesmo não podia se dizer sobre a escravidão e os quase um milhão de escravos que estavam vivendo nos estados, a constituição em si só viria a sequer mencionar a escravidão nas próximas sete décadas, os escravos ainda eram tratados como propriedade de norte a sul

---

<sup>10</sup> Blackburn, Robin, A queda do Escravismo Colonial/Robin Blackburn; tradução Maria Beatriz de Medina, Rio de Janeiro/São Paulo: Record, Pag. 139-140, 2002.

enquanto que os libertos enfrentavam muitas dificuldades de se ajustar a uma sociedade que se julgava ainda não estar preparada para eles.

Enquanto que na década seguinte sua população viria a sofrer um enorme crescimento, o que só viria a aumentar o número de escravos e o de escravos libertos que viviam a margem da sociedade americana. Para finalizar, a situação dos escravos nos anos finais do Século XVIII fora definido dentro do Congresso da Filadélfia que proibira o congresso americano por um período de vinte anos de banir o comercio de escravos ou de impor leis que os restringiam, conseguindo assim somente aumentar o poder dos proprietários de escravos do Sul pois agora eles sentiam que a escravidão estava consolidada nos Estados Unidos e não seria mais possível revertê-la.

## Conclusão:

Fora uma longa jornada por diversas páginas e capítulos que visavam a análise da questão da participação dos escravos na Guerra de Independência Americana e como isso afetou a sociedade americana durante o final do século XVIII e com isso nós não somente analisamos esse tema mais o desdobramos para diversas outras questões com o objetivo analisar a fundo a questão dos escravos. Poderíamos ter começado da Revolução Americana mais para ajudar em seu entendimento nós olhamos para seus antecedentes dentro da Guerra dos Sete Anos, podíamos ter parado na questão dos escravos durante o pós-guerra mais estudamos sua relação com os estados e com o governo na formação da constituição.

O trabalho se baseou no recorte do tema escolhido e mesmo assim, essa pesquisa e somente uma pequena parcela da historiografia referente a Revolução Americana. Diversas singularidades presentes naquele momento e na sociedade americana que participou ativamente desses eventos e que permitiram a revolução e a Guerra de Independência americana a se tornarem eventos bastante importantes para a historiografia mundial.

As treze coloniais inglesas entre os séculos XVIII e XIX estiveram presenciando o ápice da escravidão em seu território enquanto que a própria escravidão já estava retrocedendo na Europa e até mesmo se tornando uma raridade em certos centros urbanos do antigo mundo. Verdadeiramente o oposto do que acontecia no novo mundo, que via o aumento exponencial da escravidão graças ao aumento das rotas comerciais marítimas e a utilização de sistemas de trabalho como o de *plantations*.<sup>11</sup>

Com esses fatores em mente, no decorrer dessa monografia nós analisamos os diversos fatores da história americana que viriam a ter algum efeito no ciclo da escravidão americana. Deste o princípio definimos que a Revolução Americana,

---

<sup>11</sup> Nome dado ao sistema de fazendas na qual eram plantados e colhidos diversos produtos para venda e consumo como café e açúcar, comum na América do Sul, central e no sul da América do Norte, eram conhecidos pelo uso extensivo e exploração de mão de obra-escrava.

em especial o surgimento dos ideais revolucionários vindo da experiência da sociedade

31

americana durante as décadas de 1760 e 1780, que fora o fator determinante para o começo da mudança da sociedade americana em relação a escravidão.

E a partir desse ponto, como fora brevemente mencionado no primeiro parágrafo, procuramos em seus antecedentes que foram a Guerra dos Sete Anos e os impostos aplicados pelo parlamento inglês. Foram esses os principais fatores que além de terem prejudicado o meio de vida dos diversos níveis da sociedade das treze colônias fizeram surgir o desejo de libertação do domínio inglês, que acabou sendo o principal combustível para a formação dentro de diversas figuras da sociedade as ideias revolucionárias que viriam a causar a revolução.

As ideias de liberdade que foram o catalisador para que a população escrava da colônia se alistasse nos exércitos ingleses e no exército continental dos colonos em busca de sua própria liberdade como vimos nos capítulos passados. E foram esses mesmos que fizeram o exército dos colonos libertarem os escravos que haviam se alistado de imediato ou após os combates, propostas similares as feitas pelos próprios ingleses aos escravos que lutassem pelo exército de sua majestade.

Fora a participação dos escravos na Guerra de Independência que marcou o começo de um dos principais temas de discussão deste trabalho, o paradoxo da escravidão americana. Ao abraçar as ideias de liberdade da metrópole inglesa enquanto ela mesma negava a liberdade a quase 1 milhão de escravos em seus territórios os colonos devidamente criaram um paradoxo em sua sociedade.

Como fora citado no primeiro capítulo deste trabalho, a existência ou não do paradoxo da escravidão e um tema que divide historiadores e em busca de um melhor entendimento sobre o tema, essa monografia se alinha a linha de pensamento de que houve de fato um paradoxo. A principal razão para o alinhamento dessa monografia a essa ideia e o fato de através da pesquisa bibliográfica para este trabalho é possível de perceber em diversos pontos da historiografia desse período que a própria população das treze colônias notou a sua existência, se não houvesse existido um paradoxo como e entendido nos dias

de hoje e o que observamos como um paradoxo naquele período tivesse sido apenas uma grande junção de fatores da historiografia americana então a sua população não deveria nem ter notado ou se importado com o paradoxo.

32

Após a independência, como vimos no segundo capítulo deste trabalho, tanto a sociedade quanto o governo sofreram grandes mudanças no decorrer da década de 1780 e a escravidão também acabou sofrendo algumas transformações. As ideias de liberdade que tomaram conta do pensamento da sociedade americana durante a década anterior e que para muitas parcelas da população haviam acabado com a independência ainda existia em várias partes da população e que lutavam para concertar o que julgavam que a revolução havia deixado, a escravidão.

Como havíamos analisado anteriormente, diversos grupos com o objetivo de ajudar os escravos foram criados enquanto que a população escrava continuava a aumentar. A população dos Estados Unidos tivera que aprender a lidar com o aumento do número de escravos enquanto eles mesmos tinham seus próprios problemas, alguns simpatizavam com a causa dos escravos enquanto outras parcelas da população como os que lucravam com a mão-de-obra negra ou que simplesmente não gostavam deles ainda estava em maior número.

Esses fatores fizeram desse período histórico ser considerado por historiadores como o início da história moderna que viria a ser retificado alguns anos depois com a Revolução Francesa (1789-1799) que trazia várias semelhanças com os ideais revolucionários americanos, o que não seria novidade devido à forte influência francesa na Guerra de Independência como aliada das treze colônias, como por exemplo a liberdade que fez a escravidão ser abolida na França e em suas colônias enquanto que o processo nos Estados Unidos sofrera um impasse durante a formação da constituição como havíamos visto antes.

E essa importância dos ideais revolucionários que viriam a afetar e mover os diversos aspectos da sociedade americana, trazendo assim um vasto número de material bibliográfico à tona, buscando analisar não somente as ideias daquele período, mas também trazer para a historiografia diversas questões e discussões sobre o período como fora o caso da questão do paradoxo entre as ideias

revolucionárias e a escravidão nos nas treze colônias/Estados Unidos que analisamos nos capítulos passados. Fico feliz de ter buscado e trabalhado com esse tema que ainda traz bastante possibilidade de discussões e desenvolvimento para a historiografia da Revolução Americana com esta monografia.

33

## **Bibliografia:**

Blackburn, Robin, **A queda do Escravismo Colonial/Robin Blackburn**; tradução Maria Beatriz de Medina, Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

Franklin, John Hope; Jr., Alfred A. Moss. **Da escravidão a liberdade: A história do negro Americano**. Rio de Janeiro, Editorial Nórdica Ltda., 1989.

Wood, Gordon S., **A revolução americana/Gordon S. Wood**; tradução Michel Teixeira.-1. Ed.-Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Berlin, Ira, 1941-, **Gerações de cativo/Ira Berlin**; tradução de Julio Castañon. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Middleton, Richard, **Guerra de Independência dos Estados Unidos da América,1775-1783/Richard Middleton**; tradução Jussara Vila Rubia Gonzales, São Paulo: Madras, 2013

Dahl, Robert Alan, **A constituição norte-americana é democrática? /Robert A. Dahl**; tradução Vera Ribeiro; revisão técnica Mario Brockman Machado. Rio de Janeiro: FGV editora, 2015.

Schama, Simon, **Travessias difíceis: Grã-Bretanha, os escravos e a Revolução Americana/Simon Schama**; tradução Denise Bottman, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Forner, Eric, **Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado/Eric Forner**; tradução de Luiz Paulo Rouanet; revisão técnica John M. Monteiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: CNPq, 1988.

Genovese, Eugene Dominick, 1930-, **A terra prometida: o muno que os escravos criaram/Eugene D. Genovese**; tradução Maria Inês Rolim, Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília, DF: CNPq, 1988.